

O Castelovidense

SEMANÁRIO REGIONALISTA, DEFENSOR DO ESTADO NOVO
SEGUNDA SÉRIE



Redacção e Administração
RUA DE OLIVENÇA
CASTELO DE VIDE

Direcção, Edição e Propriedade
de
Alexandre Durão Cordeiro

Composição e Impressão
Tipografia Castelovidense
Largo João José Le Cocq
CASTELO DE VIDE

O Ministério DA Agricultura

Há poucas semanas, apresentou o Sr. deputado Melo Machado na Assembleia Nacional, um aviso prévio à cerca da utilidade de se restabelecer aquele antigo departamento de Estado que, sendo um dos de mais recente criação, não durou entre nós mais do que as tão faladas rosas de Malberbe.

Pela informação da imprensa diária, nos relatos da crónica parlamentar viu-se que a Assembleia Nacional, longe de receber com indiferença o aviso prévio do Sr. Melo Machado, lhe dispensou atencioso interesse, seguindo-se vários outros senhores deputados na esteira do iniciador dos debates, e como ele manifestando-se abertamente favoráveis ao restabelecimento daquele Ministério. É certo que ainda uma tal ou qual atitude de oposição começou a esbater-se por parte de dois ou três membros da Assembleia, mas tais manifestações, já de si um tanto ténues, vieram a diluir-se perante a maioria de opiniões favoráveis à reposição daquela secretaria do Estado. Por fim, e por unanimidade foi votada uma moção confiando ao Governo a escolha da oportunidade deesse restabelecimento.

Com efeito, o Sr. Deputado Melo Machado, que ao serviço da agricultura nacional tantas vezes tem feito ouvir a sua voz, seja nas reuniões públicas ou no seio das colectividades agrárias, não foi senão coerente na apresentação da sua iniciativa procurando conduzir os debates ao restabelecimento do Ministério da Agricultura.

País agrícola, mesmo que a sua produção em geral, por nosso mal, apresente aspecto deficitário, ele necessita de acompanhar, com sua direcção técnica e administrativa mais directa e categorizada, o necessário desenvolvimento dos processos, em demanda de produções mais eficientes, e nos termos em que outras nações, quasi todas por certo, procuram subir na curva ascendente, que as livre da dependência de outras de solo mais rico ou de solo menos ingrato.

Se, por sua deficiência e irregularidade de produções, Portugal não consegue ser considerado, por uns tantos de espírito classificador mais exigente, como país agrícola, que será ele então? País industrial, mineiro ou comercial?...

Parece-nos que, por exclusão de partes, e apesar da inclemência das intemperies, não deixa de ser país agrícola. E, como tal, de razão lhe pertence um Ministério da Agricultura.

Prémios Escolares

Na quinta-feira, 17, data anual para esse fim marcada, foram distribuídos na Câmara Municipal os prémios escolares instituídos pelo falecido Sr. António José Repenicado, e destinados aos melhores alunos pobres que fizeram exame da 4.ª classe das escolas deste concelho.

Promoção

Foi recentemente promovido a 1.º Sargento-fermeiro da Armada o nosso amigo e assinante Sr. Francisco Maria Roxo.

Os nossos melhores parabéns a este nosso amigo e conterrâneo.

A Margem da Literatura

LXV

«Natureza e função da Literatura»

Corroborando pois, esta opinião, não será já a *necessidade de expressão* um sintoma de existência? Conceito este demasiado sofisticado, subtilizante ou incompreensível: *o artista não é artista em si mesmo, mas na obra que realiza*. Para G. Simões, por consequência, as palavras são o postulado principal, razão talvez por que lhe merecem divagações precipitadas, um pouco terra à terra, ao correr da pena: *as palavras são sinais representativos das coisas, são as próprias coisas*.

E atente-se ainda neste *quiproquó* a respeito da palavra literária: *quer dizer relativo às letras. E' com letras que se formam palavras*. Resta saber todavia, se haverá correspondência absoluta do termo *letras* do primeiro período com o do segundo. Note-se que Gaspar Simões, forte personalidade literária, chega a ser mais estilista que crítico em certas passagens, como a da pág. 30, em que a digressão sobre o «fala só» é conduzida com simplicidade formal e convincente. Esta verve tendenciosa porém, perde muito da sua consistência quando orientada para dar combatividade às ideias de Sartre, com que volta a encontrar-se na seguinte enervada: a obra de Jane Austen considerar-se-á existente antes de ser conhecida pelo leitor? Para o nosso crítico, ela começou a existir, desde que a autora a criou para si própria. Porque, diz ele subtilmente, «escrevendo tornou estáveis as palavras com que a si própria falava da maneira de ser e de proceder dos seus parentes». A isto objecto eu: interessará como finalidade que a acção seja imediata sobre quem escreve? Nesse caso, teríamos de admitir qualquer coisa vinda de fora, quando, na realidade, o escritor projecta se sobre a obra que escreve. Além

SOBRE

Mousinho da Silveira

Referimos, há dias, a ausência de espírito faccioso na vida política de Mousinho, e isso é coisa que se confirma e justifica superabundantemente. Não assim da parte dos seus adversários, que chegaram ao ponto de lhe levarem sua velha mãe à cadeia, onde veio a morrer.

Em aberta oposição à maioria dos liberais, logo a seguir a 1833, Mousinho da Silveira foi contrário à confiscação dos bens dos homens do absolutismo, e muitas outras ocasiões não faltaram de esse espírito reflectido e justo se manifestar contrário aos intentos do partido vencedor.

Já depois de 1840, quando o fim da sua tão prestimosa existência não vinha longe e o Estadista vivia na cidade do Porto, chegou aí, vinda do Norte, desordenada e atribulada, a revolução da Maria da Fonte, que se manifestava contra os Cabrais, sem se saber ao

disso, se quem conta oralmente uma história, jamais a contará duas vezes da mesma maneira, é porque a palavra não deve ser o substrato da obra literária. Querer atribuir à palavra a prioridade no valor é negar *ipso facto* o direito à prioridade da auto-criação. É verdade que *escrevendo, descobre-se o que imaginar não basta*, mas, sem auto-domínio, cai-se no psitacismo. Deve encerrar-se pois a questão de dentro para fora, sem excluir a qualidade activa do escritor, embora a sua acção seja imediata sobre si mesmo. Com efeito, não se estará realizando o autor enquanto escreve e ao mesmo tempo em vias de agir sobre o leitor, mesmo que a ideia de acção sobre este se anteponha à ideia de auto-descoberta?

ROQUIM

certo, ainda hoje, a que verdadeiros fins ela visava.

Já referimos o episódio; há muito tempo, em um dos jornais que aqui tiveram existência.

Chegada à invicta cidade, a onda revoltada, foi-se à porta de Mousinho, ao que parece morador naquela rua que desce das proximidades da estação de S. Bento para os lados de Miragaia e que hoje tem o seu nome, a fazer-lhe uma grande manifestação de agrado. Veio Mousinho agradecer à varanda do prédio, mas vendo toda aquela gente tão aguerrida e tão variadamente armada, logo se recolheu, fazendo saber aos manifestantes que lhes não dava a menor solidariedade.

Pois não há ainda muitos anos, certo escritor combativo, firmado em qualquer das muitas informações colhidas no livro do Sr. Dr. Possidónio Laranjo Coelho e que uma vez mais atestam a independência de carácter do ministro de D. João VI e de D. Pedro IV, procurando fazer torto daquilo que tão direito se observa, inculcava Mousinho como homem sem estabilidade de opinião, talvez como catavento, ou oportunista talvez em matéria política.

Sabe-se que Mousinho dispôs, no seu testamento, que queria ser enterrado na ilha do Corvo e que, não podendo ser aí, por falta de barco para lá—pois só havia então uma viagem anual para essa mais pequena ilha dos Açores—o levassem à freguesia de Margem, no concelho de Gavião—«porque queria descansar entre gente que se atrevera a ser agradecida».

E foi para Margem que os seus restos mortais vieram, com efeito.

Veio a verificar-se com o tempo que os descendentes (Conclui na pág.

Mousinho da Silveira

(Conclusão da 1.ª página)

tes dessa «gente que se atrevera a ser agradecida» não se mantinham no estado de alma que animara seus pais e seus avós, servindo-se aqueles do monumento a Mousinho para alvo no exercício de tiro. O nefando procedimento deu motivo a que outro nosso patriótico illustre, o Dr. José Frederico Laranjo, apresentasse na imprensa a ideia de Castelo de Vide reclamar para aqui a transferência das cinzas do Estadista e do seu monumento, escrito que vimos em tempo, mas que, por não sabermos onde procurá-lo, com mágoa não poderamos transcrever nesta ocasião tão própria e oportuna.

Oferecemos porem, em transcrição, uma curiosa local publicada no *Diário de Notícias* em 26 de Maio de 1880—há 69 anos—pela qual se fica sabendo que os Municipios das ilhas das Flores e do Córvo relamavam a remoção para esta última, dos restos mortais de Mousinho da Silveira.

A gente mais agradecida ao reformador foram de certo os cem habitantes do Córvo, a quem ele facilitou a independência económica. Quando a pequena esquadra, já aproada ao desembarque do Mindelo, passou á vista da pequena ilha, estavam eles na praia fazendo sinais ás embarcações, os quais foram justamente interpretados como desejos de que parassem na sua rota, e o Imperador mandou deitar ferro, ao largo, por aí não haver, como ainda hoje não há, porto de desembarque.

De entre os habitantes do Córvo partiu então, nas suas embarcações primitivas, uma deputação que veio a bordo agradecer a Mousinho o decreto da sua libertação. Calcule se que proporções de grandeza moral a delicadeza de homens tão incultos e pobres teria ganho na alma tão simples e grande do notável reformador. Muito tempo ambicionamos ver, esta cena de Mousinho recebendo os ilotas do Córvo a bordo do vaso de guerra, reproduzida em painel de azulejos pela mão de mestre Jorge Colaço, colocado na sala das sessões ou na arcada do nosso Municipio. Nunca até agora tal foi possível, e muito menos o será daqui por diante, em face da mingua de recursos que avassala a administração municipal.

Segue a transcrição do *Diário de Notícias*:

«MOUSINHO DA SILVEIRA

—Do nosso amigo e colega o sr. Dr. Henrique Midosi, recebe-

mos a seguinte carta:

Amigo e sr. Eduardo Coelho.—O seu jornal de segunda-feira 24 de maio dá a noticia que o sr. António Vicente Peixoto Pimentel está incumbido pelos municipios das ilhas das Flores e Corvo, de fazer remover para esta última os restos mortais do grande estadista Joa Xavier Mousinho da Silveira.

Parece-me que esta remoção não se pode verificar. Mousinho da Silveira dispôs em seu testamento, que desejava ser sepultado na ilha do Córvo, ou na freguesia da Margem, do concelho de Gavião, porque queria, depois de morto, estar entre gente que na sua vida se atrevera a ser agradecidas.

O grande estadista morreu a 4 de abril de 1849, e como ele, no seu testamento deixava ao arbitrio do testamenteiro o lugar da sua sepultura ou na ilha do Corvo, ou na freguesia da Margem, para esta resolveu o mesmo testamenteiro que o cadáver fosse trasladado e efectivamente o foi em 5 de outubro de 1849. Em 1865 e 1867 escreveu o Padre João Chrisostomo Ribeiro Coelho, de Castelo de Vide, á redacção do «Jornal do Comércio» expondo o estado de abandono em que estava a sepultura de Mousinho da Silveira. Em maio de 1887, por iniciativa de José Ribeiro Guimarães foi aberta uma subscrição no «Jornal do Comércio» para o monumento de Mousinho da Silveira. A subscrição apenas produziu 550\$00 réis. O insigne escultor Anatole Calmels gratuitamente fez o risco do monumento e esculpiu o busto do grande estadista. A redacção «Jornal do Comércio» promoveu a transladação dos restos mortais de Mousinho da Silveira do adro da antiga matriz de Nossa Senhora da Graça da Margem, concelho de Gavião, para junto do monumento levantado ao finado em frente da nova igreja; a exumação verificou-se no dia 14 de junho de 1875, no dia seguinte se fez a transladação e se inaugurou o monumento a José Xavier Mousinho da Silveira no sitio do Vale de Gaviões; freguesia de Nossa Senhora da Graça da Margem. Eu, que nessa época pertencia á redacção do «Jornal do Comércio», e o infeliz Balthazar Radich, representavamos a mesma redacção em todos os actos para a inauguração deste monumento, á qual pessoalmente assistimos.

Muito concorreram para esta homenagem ao grande estadista, os amigos dele Manuel Lopes Maia, José Pedro Barata, João Maria Leitão e outros muitos, que deram grande impulso ao pensamento iniciado pelo falecimento do redactor do «Jornal do Comércio» José Ribeiro Guimarães. «Henrique Midosi».

Vê-se que ainda em 1880, ao contrário dos homens

Semana Religiosa

Evangelho do dia 27 de Março
4.º Domingo da Quaresma

Naquele tempo: Passou Jesus á outra banda do mar de Galiléa, que é o de Tiberiades, e seguia o grande multidão de povo, porque via os milagres que fazia sobre os enfermos. Sabia então Jesus ao monte e estava ali assentado com seus discipulos. Achava se próxima a Páscoa, o dia festivo dos judeus. Levantando, pois, Jesus os olhos e vendo que tão grande multidão veio ter ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para que estes comam? Mas dizia isto para o experimentar, porque sabia o que havia de fazer. Respondeu-lhe Filipe: Duzentos denários de pão não bastaria para que cada um tomasse um pequeno bocadinho. André, irmão de Simão Pedro, um dos seus discipulos, disse-lhe: Aqui está um moço que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente? Disse então Jesus: — Fazei assentar esses homens. Ora, havia muito feno naquele lugar. Recostaram-se, pois, os homens, em número quasi de cinco mil. Tomou então Jesus os pães e, tendo dado graças, os distribuiu aos que estavam recostados: deu igualmente dos peixes, tanto quanto quizeram. Quando foram saciados, disse a seus discipulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que se não percam. Eles, pois, os recolheram e encheram doze cestos dos pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram dos que haviam comido. Vendo então aqueles homens o milagre que Jesus havia feito, diziam: Este é verdadeiramente o profeta, que ha-de vir ao mundo. Mas sabendo Jesus, que o viriam arrebatado para o fazerem rei, fugiu outra vez, para o monte, ele só.

CULTO RELIGIOSO

A Santa Missa será na 2.ª feira ás 7 na Senhora do Carmo e na 4.ª á mesma hora em S. Pedro; na 3.ª, 5.ª e sábado ás 9 em Santa Maria e na 6.ª ás 9 em S. Tiago.

O terço no domingo será na Senhora do Carmo, na 3.ª em S. Pedro, na 6.ª em S. Tiago e nos outros dias na Matriz.

6.ª feira á noite faremos a Via Sacra.

4.ª, 6.ª e sábado são dias

de Margem, os humildes homens do Corvo se não mostravam desagradecidos,

João António Gordo

OBITUÁRIO

José Maria Chaves Costa

Na Marinha Grande, onde há muitos anos se encontrava estabelecido, faleceu na terça-feira, vitima de congestão cerebral, este nosso amigo e conterrâneo.

Deixa viúva a sra. D. Joaquina Jordão Guerra Costa e era pai do sr. Egidio Guerra Costa, e das sras. D. Maria Júlia Guerra Costa Marques, D. Maria da Conceição Guerra Costa Garção, e irmão das sras: D. Rita Costa Pinto e D. Felicidade da Costa Chaves Soares.

A toda a familia do extinto, e em especial a seu cunhado sr. João dos Prazeres Soares, a sua esposa e filhos, enviamos os nossos sentimentos.

D. Olinda Sardinha

Na segunda-feira passada, 14, faleceu em Portalegre a sra. D. Olinda Esperança Sardinha, virtuosa esposa do nosso amigo Sr. Dr. Laureano Picão Sardinha, considerado presidente do Grémio da Lavoura daquela cidade.

A extinta senhora, que durante largos anos se dedicou quasi exclusivamente á pratica de obras de caridade, marcou uma situação de grande relevo na vizinha cidade, onde a sua morte é geralmente sentida.

Ao Sr. Dr. Laureano Sardinha e a toda a familia em luto apresentamos os nossos sentimentos de pesar.

José Avelino Facha

Tambem na cidade de Portalegre faleceu o nosso amigo Sr. José Avelino Facha, antigo comerciante e pai dos nossos amigos António, Carlos e Avelino Facha, tambem ali comerciantes.

Á viúva e aos filhos do extinto enviamos as nossas sentidas condolencias.

Nascimento

A esposa do nosso amigo Sr. José Beliz Roque, digno Chefe da Secção de Finanças de Marvão, teve o seu bom successo dando á luz uma menina

Os nossos parabens aos pais da recém-nascida, e tambem a seus avós, nossos amigos Srs. Mateus da Cruz Moñés e António José Roque, bem como a suas esposas.

de abstinência e 6.ª dia de jejum.

Dia 25 a igreja de S. Tiago estará aberta todo o dia. Por ser a festa de Nossa Senhora da Encarnação algumas centenas de pessoas por lá passam durante o dia. Lá rezaremos o Terço nesse dia ás 9 horas da noite

Notícias Pessoais

Aniversários

Hoje — José A. Morgadô; Men. Silvia da Conceição Penhasco Barrigas; Men. Angélica Castanheiro.

Dia 21 — Dr. Adolfo João Lahmeyer Bugalho; Vicente Alves de Oliveira.

Dia 22 — Anaeto Chaves. Dia 24 — Francisco Velez Tavares; D. Vitória da Encarnação Raposo Busca; D. Maria Joaquina de Oliveira Bicho; Men. Ernestina Augusta Mendes.

Dia 25 — Carlos Pereira; Filipe de Carvalho Branquinho; D. Maria de Lourdes Xavier de Almeida Prudente Monte Cid.

Partidas e chegadas

Para Lisboa partiu o nosso amigo sr. Diogo Salema Cordeiro.

—Vimos nesta Vila o nosso amigo sr. Júlio Pinto Fraústo, da Capital.

—Tambem vimos da Capital, o nosso assinante sr. José Tomaz Panasco.

—Para Coimbra partiu há dias para tratar dos seus padecimentos o sr. João António Raposo, continuo da Sociedade R. 1.º de Dezembro.

—De Portalegre, regressou melhor dos seus padecimentos, a esposa do sr. Rogério Branquinho.

—Do Entroncamento, vimos o nosso assinante sr. Domingos Miranda.

Correspondências

POVOA E MEADAS

O TEMPO—Após uma estiagem demorada, em que impediu o vento leste, seco e frio, que muito prejudicou as sementeiras e pastagens, visitou-nos, finalmente a chuva benéfica, que veio transformar o aspecto dos nossos campos e criar alma nova aos produtores e seareiros desta região.

Mas essa chuva cai, porém, tão compassadamente, que os seus efeitos são quasi nulos, ou então podem ser considerados como tais.

Assim, as fontes e nascentes, continuam estacionárias, não tendo acusado, sequer, a passagem da estação invernosá.

E, as valas e ribeiros, estão secos de todo, sendo muito reduzido o volume de água que a Barragem da Póvoa comporta actualmente.

Afigura-se-nos, pois, que este ano, vai ser pior, muito pior, que o precedente, sendo melhor fecharmos estas modestas considerações com as palavras proféticas, do conhecido Borda de Agua: Deus super omnia!

CRISE—Continua por resol-

Continua na pág. 4